

SISTEMA ELÉTRICO E GESTÃO DA ELETROSUL FORAM TEMA DE CONGRESSO



Aconteceu nos dias 8 e 9 de dezembro, em Florianópolis, o 3º Congresso dos Trabalhadores da Eletrosul. Cerca de 60 trabalhadores se reuniram para debater as perspectivas para o Setor Elétrico Brasileiro, e os impactos da gestão da Eletrosul para os trabalhadores e para a empresa. Para debater com os trabalhadores, representantes da Plataforma Operária e Camponesa da Energia, Federação Nacional dos Urbanitários, dos Sindicatos da Intersul e da Eletrosul participaram das mesas temáticas.

LEIA NAS PÁGINAS 2 E 3



SINDICATOS DEBATEM HORÁRIO NÚCLEO COM DIRETORIA DA CELESC

PG. 2

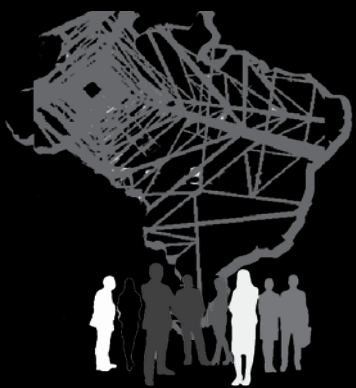
SUBESTAÇÃO DE PAPANDUVA: PRESSÃO POPULAR E TRABALHO SINDICAL

PG. 3

PRESENTE DE 100 ANOS: FIM DA TERCEIRIZAÇÃO

PG. 3





Propostas para o setor elétrico

O 3º Congresso dos Trabalhadores da Eletrosul realizado dias 8 e 9 de dezembro em Florianópolis, reuniu mais de 50 trabalhadores da empresa, vindos dos Estados de RO, MS, PR, SC e RS. O evento foi promovido pelos representantes dos trabalhadores no Conselho de Administração da Eletrosul, Wanderlei Lenartowicz, e Deunézio Cornelian Jr, e teve como tema central "Perspectivas para o setor elétrico brasileiro".

A primeira mesa de debates foi coordenada por Deunézio Cornelian Jr. Foram abordadas a atual conjuntura política e as propostas do setor elétrico. Os debatedores desta mesa foram Franklin Moreira Gonçalves, presidente da Federação Nacional dos Urbanitários (FNU), e Robson Formica, do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), ambas entidades pertencentes à Plataforma Operária e Camponesa para Energia, que possui um acúmulo de debates de propostas para um projeto energético popular. Franklin destacou a importância da promoção destes eventos, como uma forma de fomentar o diálogo entre trabalhadores, empresas públicas e governo para a construção de propostas e melhores soluções para os problemas que afetam os trabalhadores e a sociedade. Registrou ainda como lamentável e preocupante o fato do Governo Federal não responder ao convite da comissão organizadora do Congresso e a consequente ausência de um representante do governo no evento, o que sinaliza para as dificuldades de manter o diálogo. "Se este governo achar

que a empresa tem que se virar com os ajustes de 'mercado', que atue como empresa privada, vamos perder um importante instrumento de fazer políticas públicas no país", disparou. As terceirizações e a gestão das empresas através das "nefastas" SPE's que existem só para baratear o custo da mão de obra, privatizar o setor, foram duramente criticadas por Franklin. "O que está em jogo é o custo do trabalho e nós estamos na defensiva ao invés de

"O que está em jogo é o custo do trabalho e nós estamos na defensiva, ao invés de estarmos seguindo em frente, reagindo a uma conjuntura, ao invés de propondo novas abordagens".

estarmos seguindo em frente, reagindo a uma conjuntura ao invés de propondo novas abordagens". Robson Formica, do MAB, ponderou que "é duro termos que voltar a fazer pressão para termos um diálogo, a energia historicamente foi vista como assunto pertinente aos quadros técnicos do setor. Nós, dos movimentos sociais temos de nos apoderar deste tema, os trabalhadores devem travar esta disputa e avançar nas suas pautas e bandeiras de luta" Robson ainda considerou que, determinante para as empresas estatais é mudar a orientação do BNDES que financia grandes corporações, fato que em resultado permite o arrocho das empresas públicas. Determinante para os trabalhadores é a luta contra a terceirização e as questões relativas à saúde e segurança, e para a população é determinante o barateamento da energia. Para Robson, em 2015 os movimentos sociais também devem focar suas energias em duas frentes: "lutarmos por uma Constituinte para a Reforma Política e acabar com o monopólio dos meios de comunicação".



Impactos da Gestão da Eletrosul

O segundo dia dos debates, iniciou com uma apresentação dos dados colhidos na consulta promovida pelo representante dos trabalhadores no CA da Eletrosul. Foram recebidas 241 formulários eletrônicos respondidos pelos trabalhadores na semana que antecedeu o congresso. Os dados revelaram as percepções dos trabalhadores com relação à gestão da Eletrosul. Na sequência da apresentação dos resultados da pesquisa, teve início a segunda mesa de debates, com a coordenação de Dayson Waldschmidt, trabalhador da sede da Eletrosul e dirigente sindical. Os debatedores da mesa foram Sergio Vieira da Fonseca pela Intersul e Ronaldo Custódio, representante da Diretoria da Eletrosul. Sergio baseou sua apresentação

nos dados constatados através da pesquisa realizada entre os trabalhadores. Destacou a piora de alguns indicadores como o fato de que o índice de trabalhadores que se dizem satisfeitos em trabalhar na empresa diminuiu em relação à pesquisas anteriores. 64,7% dos entrevistados considera que o número de trabalhadores em seu setor é insuficiente para a quantidade de trabalho; 47,1% dizem que o nível de estresse aumentou nos últimos anos. Sergio destacou ainda que a imensa maioria dos empregados que responderam à pesquisa, não acreditam no sistema de avaliação de desempenho. Ronaldo Custódio, representando a Eletrosul, apresentou o bom desempenho da empresa nos últimos anos, porém evitou comentar o

clima organizacional. Indagado sobre a possibilidade de um concurso público para diminuir a sobrecarga de trabalho que já existe e que vai piorar com os novos empreendimentos da empresa ele se limitou a dizer que "não tem como responder isso agora, certamente vamos avaliar a necessidade. Temos tempo para isso no decorrer do próximo ano. Destacou ainda a importância da Eletrosul ter participado com sucesso no leilão de transmissão realizado recentemente e para ele, as perspectivas de crescimento da empresa são muito positivas. Ao final do debate os trabalhadores foram divididos em grupos que apresentaram propostas para a gestão da empresa, que farão parte do material de divulgação das resoluções do Congresso, a ser lançado em breve.



CELESC

SINDICATOS DEBATEM INSTITUIÇÃO DO HORÁRIO NÚCLEO NA CELESC

Os sindicatos que compõem a Intercel participaram nesta segunda-feira, dia 08, de reunião com a diretoria de Gestão Corporativa da Celesc para tratar da ampliação do Horário Flexível da Celesc, conforme cláusula trigésima quarta do Acordo Coletivo de Trabalho 2014/2015.



Na última semana a diretoria da Celesc publicou deliberação instituindo o horário núcleo da empresa. A publicação gerou dúvidas nos trabalhadores, uma vez que a cláusula do Acordo Coletivo determina apenas os períodos possíveis de entrada e saída na empresa (07 e 18 horas), incluindo limites de jornada por período (4 horas) e intervalo de almoço (entre 1 e 2 horas). Segundo a deliberação da diretoria o horário núcleo, ou seja, aquele onde obrigatoriamente os trabalhadores devem estar

dentro da empresa, será das 8h30 às 16h30. Os sindicatos informaram que alguns trabalhadores da Adm Central solicitaram que o horário núcleo fosse alterado, possibilitando a saída dos trabalhadores às 16h00. A diretoria defendeu a manutenção do horário núcleo da deliberação até as 16h30, e apresentou a preocupação de algumas chefias com o atendimento aos clientes externos e o suporte ao atendimento comercial, que deveriam acontecer até as 17h00.

Por fim, a empresa manteve o novo horário núcleo deliberado (08h30 – 16h30) e os sindicatos da Intercel solicitaram à diretoria um levantamento das áreas que prestam atendimento e poderiam ser impactadas pelo novo horário núcleo da empresa. Além disso, os dirigentes sindicais lembraram que invariavelmente o acordo passa pelo bom senso entre chefias e trabalhadores, para garantir o benefício aos celesquianos e não prejudicar o atendimento à sociedade.

CELESC

PRESSÃO POPULAR E TRABALHO DOS SINDICATOS SE MATERIALIZA NA SUBESTAÇÃO DE PAPANDUVA

O Planalto Norte sofreu no final de 2013 e início de 2014 com constantes quedas de energia. Na região, grande produtora de fumo, a população revoltou-se com a falta de atendimento, e as perdas financeiras por conta da interrupção no fornecimento de energia.

Manifestações foram feitas, trabalhadores foram ameaçados e diversas vezes os dirigentes sindicais estiveram junto à comunidade, em audiências públicas e reuniões em câmaras de vereadores para defender os celesquianos e cobrar da diretoria e do governo do estado investimentos para um atendimento de qualidade ao Planalto Norte Catarinense.

Após muita luta, nesta segunda-feira, a Subestação e a Linha de Transmissão de Papanduva foram inauguradas, com a presença

do Presidente da empresa e do Governador do Estado, Raimundo Colombo, que disse estar satisfeito em atender uma antiga reivindicação da população local. Além disso,

"A inauguração da obra é mais uma prova da força dos eletricitários, unidos aos sindicatos da Intercel e um grande avanço em um caminho de luta para que a Celesc volte a prestar um serviço de qualidade à sociedade catarinense"

reafirmou o desejo de que no seu governo a Celesc se mantenha pública e possa desta maneira favorecer a vocação catarinense ao empreendedorismo, sendo uma incentivadora do desenvolvimento em todas as regiões do estado.

A inauguração das obras é mais uma prova da força dos eletricitários, unidos aos sindicatos da Intercel e um grande avanço em um caminho de luta para que a Celesc volte a prestar um serviço de qualidade à sociedade catarinense. A região, agora, espera pela Subestação de Irineópolis, também prometida pelo Governador.

CELESC

100 ANOS DE RESISTÊNCIA: USINA SALTO É A PRIMEIRA SEM TERCEIRIZADOS NA OPERAÇÃO

A Usina Salto, localizada em Blumenau, completará 100 anos de existência no dia 23 de dezembro. Ela, junto com todos os trabalhadores que por ali passaram, resistiu através do tempo e se mantém imponente até hoje. Resistiu a enchentes, destelhamentos, conflitos militares e políticos, fatos que foram contados nos livros "Rádio Peão" e "Celesc 50 anos". Em um dos momentos mais importantes de resistência, a Usina foi palco de conflitos políticos na segunda guerra mundial. Por ordem da ditadura do Estado Novo, de Getúlio Vargas, teve início no País um período de perseguição e até tortura aos colonos italianos e alemães que não falassem português. A Usina Salto foi um destes palcos de perseguição. Trabalhadores foram presos e a usina foi ocupada por militares. Em um ato de resistência, cansado com a perseguição dos militares, o chefe da Usina, Reinardo Schmithausen, jogou o carro da Celesc contra uma pirâmide de fuzis feita pelos guardas, que estava no centro do pátio. Os fuzis foram destruídos e Reinardo foi preso, em um dos maiores atos de resistência que a Usina já testemunhou.

Hoje, a luta não é armada, mas a resistência dos trabalhadores continua honrando o passado da Usina. Após a Diretoria da Celesc ter terceirizado a Operação de várias usinas da empresa, os sindicatos da Intercel buscaram reverter este processo. Os trabalhadores se mobilizaram, montaram a resistência. E foi aí que veio o presente de 100 anos da Usina Salto. No dia 1º de dezembro os trabalhadores da empresa ENEX, terceirizada responsável em operar a usina Salto foram retirados, iniciando o processo de erradicação da terceirização nas usinas da Celesc.

A saída dos terceirizados da usina salto é o primeiro passo concreto do debate dos sindicatos com a Celesc pela internalização das atividades. Em todo o estado existem ainda 5 usinas que contam com a presença de terceirizados na operação. Após a retirada dos terceirizados da Usina Salto, a diretoria da Celesc apresentou um cronograma que se estende até julho de 2015 para o fim da terceirização na geração. Ainda há muito trabalho a ser realizado, já que as usinas da Celesc estão em um processo de automatização e terão sua estrutura de manutenção e operação redimensionadas. Mas com certeza esta foi uma primeira vitória.

Intercel

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC
Jornalista responsável: Paulo G. Horn (SRT/SC 3489) | Conselho Editorial: Wanderlei Lenartowicz
Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC | CEP 89206-000 | (047) 3028-2161 | E-mail: sindsc@terra.com.br
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

O SER DE ESQUERDA

por Dayson Waldschmidt

trabalhador da Eletrosul e dirigente
sindical do Sinergia

Email: dayson@sinergia.org.br

Durante o período da história conhecido como Iluminismo, que compreende o fim das monarquias absolutistas e implantação do sistema de produção capitalista, muitas mudanças estavam em curso na sociedade. No mundo a escravidão e a servidão estavam em processo de abolição. Banqueiros, comerciantes e industriais agora livres do poder centralizador e das extravagâncias dos monarcas, expandiam seus negócios aos quatro cantos do planeta. Bens e riquezas antes pertencentes ao reino e a natureza eram agora apropriados e tornados privados na expansão dos negócios.

Os novos governos, democráticos em sua grande maioria, mas sob a influência dos poderosos burgueses, implantavam novas leis que agora expandiam o conceito de propriedade privada a recursos naturais como terras, campos, rios, florestas, subsolo e tudo mais o que conseguiam imaginar. E assim o mundo foi sendo partilhado. Quem possuía riquezas àquela época foi se tornando dono do mundo.

Numa tentativa de melhor entender o mundo, as relações humanas e o novo sistema produtivo que se criava, a elite intelectual mundial desenvolveu as teorias e a ideologia de esquerda. Teorias essas que identificaram a exploração dos mais pobres, trabalhadores assalariados, pelos mais ricos num sistema de perpetuação de privilégios e acúmulo infinito de riquezas. O mecanismo de acúmulo de riquezas ficaria conhecido como capitalismo, tendo como único fim o próprio acúmulo em si.

Ao mesmo tempo em que intelectuais tentavam compreender a natureza das novas relações sociais, outro conjunto de pensadores e cientistas se ocupava em desenvolver novas tecnologias e conhecimento para os negócios dos patrões. Graças ao investimento dos burgueses, a dedicação de trabalhadores assalariados e a expansão dos negócios, nossa civilização prosperou no campo científico. Houveram inúmeros avanços que aumentaram drasticamente a capacidade produtiva e as condições de vida de uma parcela da população, especialmente nos países mais desenvolvidos no centro do capitalismo. Produziam-se agora muito mais riquezas do que antes, mas estas tendiam a se concentrar nas mãos daquelas que já as possuíam. Devido ao fantástico incremento na produtividade foi possível oferecer aos trabalhadores mais dedicados e qualificados melhores condições de vida, mas isso não é uma regra! Os principais efeitos negativos ocorreram no campo que viu sua produção e comércio se desorganizarem, ocasionando miséria e êxodo rural.

As tendências básicas do capitalismo primordial persistem até hoje. Observamos diariamente a apropriação dos recursos naturais do planeta por empresas privadas. A água potável é a próxima fronteira. A produção mundial atual além de comprometer a sustentabilidade do planeta, uma vez que rompe com os ciclos naturais de renovação, é mais do que suficiente para oferecer uma vida decente e plena para toda a humanidade. A idéia de crescimento indefinido se esvazia de

argumentos racionais. A desigualdade social e o acúmulo de riquezas atingiram limites absurdos, sem precedentes na história humana. Nosso impacto na natureza coloca em risco a nossa própria existência enquanto espécie.

O pensamento de esquerda, que compreende inúmeras escolas, reconhecendo as mazelas, problemas e limites do sistema capitalista tenta há anos convencer a população trabalhadora, agora munida do voto democrático, de que mudanças são necessárias. Ao fazer isso, os intelectuais de esquerda almejam além de um avanço civilizatório, uma melhor distribuição do poder. Aos ideais da elite intelectual se opõem os interesses da elite econômica, de perfil conservador, que defendem a manutenção do sistema que hoje a beneficia. A elite econômica dispõe de amplos recursos para serem empregados em suas campanhas

ideológicas a começar pela propriedade e monopólio dos meios de comunicação de massas. Aos proletários só resta o trabalho de sol-a-sol com breves inserções circenses em suas vidas, sem tempo para formação ou discussões de cunho ideológico. Eventualmente, assim como numa loteria, a alguns proletários é concedida a transposição social. Estes se tornam exemplos para seus colegas de classe e um sonho que os impele a labuta diária, certos de que, ao seguirem os conselhos do patrão e dos milhares de cientistas que trabalham pra ele, eles conseguirão ascender na vida. Sim, a ciência é uma nova religião.

O desastre sócio-ambiental que o atual sistema de produção produziu está escancarado a qualquer observador. Os detentores do poder não estão dispostos ao diálogo e nem a abrir mão, de qualquer benefício que seja, para reverter o cenário catastrófico que se apresenta. Eventualmente surge uma ou outra iniciativa paliativa, exposta a exaustão pela mídia, mas que pouco interfere no rumo da história.

Ser de esquerda é reconhecer que algo precisa ser feito urgentemente e que as causas da maior parte dos nossos problemas podem ser atribuídas aos excessos de liberalidades que foram concedidas aos nossos intrépidos e inconseqüentes capitalistas. Não se trata de defender ditaduras ou a perda de direitos individuais. Tampouco se trata de defender exclusivamente um determinado modelo de socialismo, ou meramente o fim da propriedade privada, ou ainda de se criar uma sociedade absolutamente igualitária. Estes conceitos, demasiadamente simplistas, colocados isoladamente ofuscam os objetivos comuns a todas as correntes ideológicas e pensadores de esquerda. Ser de esquerda é defender a comunhão entre as pessoas e a vida deste planeta, bem como resguardar os interesses das gerações que estão por vir, em oposição aos interesses individuais e imediatistas que hoje regem nossa sociedade. Trata-se de buscar um equilíbrio sócio-econômico e de criar uma nova sociabilidade, mais solidária e cooperativa, que é capaz de viver em equilíbrio com a natureza.

"O pensamento de esquerda, que compreende inúmeras escolas, reconhecendo as mazelas, problemas e limites do sistema capitalista tenta há anos convencer a população trabalhadora, agora munida do voto democrático, de que mudanças são necessárias"

